

# humanitas

**Vol. XIII-XIV**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XIII E XIV



COIMBRA

MCMLXI - LXII

DANIEL P. MANNIX, *The Beast. A Ballantine History*. New York, 1959, 140 pp.

Numa edição original em ‘paper-back’ (nome que, por motivo do vário tamanho destes livros, os americanos preferem a ‘pocket-book’), foi publicada esta biografia popular de Aleister Crowley (1), homem diabólico que deixou as suas pegadas pelo mundo fora, sem excluir Portugal.

Nascido em Inglaterra em 1875, falecido lá em 1947, passou pela Universidade de Cambridge, na juventude, aí adquiriu um razoável domínio do grego e do latim que utilizou em leituras directas de quanto texto de religião, magia e ciências ocultas lhe veio à mão. Escreveu versos místicos e versos obscenos, pintou maus quadros, escalou montanhas como campeão de alpinismo e, mais genuinamente que o Jacinto do 202, praticou religiões e sistemas e estudou *in loco* comunidades místicas no México, na Índia, em Ceilão e no Japão. Cultivou a magia e as artes diabólicas e sem nunca ter enlouquecido inteiramente, levou à loucura alguns dos que o tomaram a sério e arrastou outros (e outras) à ruína e ao suicídio.

Somerset Maugham, que o conheceu na boémia do *Quartier Latin*, fez dele o protagonista do conto *The Magician* e a justiça londrina, muitos anos mais tarde, proclamou-o um monstro de perversidade.

O interesse em gastar umas horas lendo a vida deste trapaceiro internacional, a um tempo cultivado e semi-louco, está em que ele manteve relações literárias e pessoais com o mais conhecido, e talvez o maior, dos modernos poetas portugueses.

Ñas «Cartas de Fernando Pessoa» (2), publicadas por João Gaspar Simões, há menção repetida de Aleister Crowley, do *Hino a Pã* da sua autoria, que Pessoa traduziu e publicou em *Athena*. Na edição da sua «Obra Poética», organizada por

(1) À maneira sensacionalista destes livros, a capa, sob a reprodução da cabeça de Crowley, desenhada do natural por Augustus John, acrescenta os seguintes pormenores: “The scandalous life of Aleister Crowley who practised ‘sex-magic’ and worshipped Satan, founded a religion based on drugs and debauchery, branded his wives and drove them insane. Almost a genius, not quite a madman, Aleister Crowley shocked the world for 50 years as ‘The Great Beast’. His spiritual descendants are still practising today”.

(2) Nomeadamente de pág. 74 em diante.

Maria Alíete Dores Galhoz (3) encontra-se a p. 665 a tradução de Pessoa e a p.783 o original do *Hymn to Pan*.

O poeta não traduziu o texto grego de Sófocles (4) que serviu de *motto* ao poema de Crowley, embora lhe não fosse difícil encontrar os versos do *Ájax* numa edição bilingue, francesa ou inglesa, e vertê-los da língua moderna, como fez com os epigramas da Antologia Palatina, traduzidos da versão inglesa (W. R. Paton) da Loeb Classical Library.

Com efeito, ao contrário do que julga J. Gaspar Simões, o principal biógrafo de Fernando Pessoa, estou convencido de que as aptidões de helenista do poeta eram muito reduzidas, talvez mesmo inexistentes.

A autoria do *Hino a Pã* é em Pessoa atribuída a Mestre Therion que, como ele explica em carta a Gaspar Simões, “se chama (ou chamava) Aleister Crowley, que também se designava por *A Besta* 666”.

O uso do imperfeito alude à farsa do desaparecimento de Crowley na sua passagem por Lisboa, pseudo-mistério em que Pessoa colaborou, mostrando assim que nem só nos versos “o poeta é um fingidor”.

Quanto a Therion é uma transcrição do grego *Θηρίον* “A Besta” (que serve de título ao livro aqui recenseado). Aleister Crowley considerava-se uma encarnação da Besta do Apocalipse (aí designada exactamente por *Θηρίον*), “cujo número é 666” (5). Aleister Crowley e Pessoa tinham em comum, pelo menos, o gosto da poesia, o anti-Cristianismo, a astrologia e o ocultismo.

(3) Editora José Aguilar Ltda, Rio de Janeiro, 1960.

(4) Transcrito com alguns erros, em caracteres latinos, por M.A.D.Galhoz.

O texto grego (Sóf., *Ájax*, 693 e segs.) é:

*εφριξῆς ερωτι, περιχαρής δ'ἀνεπτόμαν  
 ἰὼ ἰὼ Παν Πάν  
 ὦ Πάν Πάν ἀλίπλαγκτε, Κυλλανίας χιονοκτύπου  
 πετραίας ἀπο δειράδος φάνηθι ὦ  
 Θεῶν χοροττοῖ' ἀναξ*

*Vibro de emoção, transportado nas asas do contentamento! Eh Pan, eh Pan!  
 Oh Panque vagueias sobre o mar, Pan, vem até nós, da cordilheira rochosa de  
 Cilene fustigada de neve, vem, senhor, que de entre os deuses guias as danças.*

(5) “[...] ὡδε ἡ σοφία ἐστίν ὁ εχων νουν ψηφισάτω τον ἀριθμον τοῦ Θηρίου' ἀριθμος γάρ ἀνθρώπου ἐστί' και ο ἀριθμος αὐτοῦ χξς” (Apocalypsis, 13).

Em *The White Goddess* (Vintage Books, New York, 1958), Robert Graves trata no cap. XIX. “The Name of the Beast” das interpretações tradicionais de

O livro de Daniel P. Mannix, a propósito do qual faço estas considerações, é demasiado superficial para se ocupar em pormenor do que aconteceu a Crowley em Lisboa e arredores, enquanto por lá se demorou com uma jovem artista americana de origem alemã, Hanni, ao tempo sua companheira. Mais tarde a moça suicidar-se-ia.

Mannix apenas menciona a sua passagem por Portugal, as cenas com a amante e a fuga desta, e finalmente a farsa do desaparecimento de Mestre Therion. Entretanto, uma das fontes do autor americano, John Symonds, em *The Great Beast. The Life of Aleister Crowley* (Third impression, London, 1952), que consultei na New York Public Library, ocupa-se pormenorizadamente do encontro entre Crowley e Fernando Pessoa (6). Transcreve mesmo do diário do inglês passos referentes ao dia da chegada a Lisboa no ‘Alcântara’, em 2 de Setembro de 1930 (7), e a entrada relativa a 21 de Setembro (8).

Dum modo geral, Mannix tem perante a poesia de Crowley uma atitude admirativa que me parece exagerada. Dos vários livros de versos do inglês que tive ao meu dispor na N.Y.P.L., escolhi para uma leitura atenta aquele em que Crowley, no próprio ano da sua morte, resolveu incluir a selecção definitiva da sua obra poética. Deu-lhe o título de *OLLA. An Anthology of Sixty Years of Song*.

666, em grego e hebraico. Como é sabido, nestas duas línguas as letras do alfabeto servem de algarismos.

Robert Graves propõe uma interpretação anagramática latina, da sua lavra, para 666 = D C L X V I : Domitius Caesar Legatos Xti Violenter Interfecit, ou seja, *Domício César (=Nero) matou violentamente os emissários de Cristo*.

As interpretações gregas e hebraicas também ligam *Θηπίων* com Ñero, considerado o Anti-Cristo.

(6) Fica-se, entretanto, com a impressão de que o poeta português não se valorizou aos olhos do biógrafo de Crowley, correspondendo-se com o mago inglês. Assim escreve: “In the library of the British Museum are three paperbound collections of his English poems, some of it good plain verse, and the rest of a kind which could only be published in English in his own country, or in the Portuguese tongue in England. In other words, Pessoa, like Crowley, was fascinated by the myth of the Great God Pan” (p. 273).

(7) “Pessoa met us: a very nice man” (p. 273).

(8) “I decide to do a suicide stunt to annoy Hanni. Arrange details with Pessoa” (p. 275).

A escolha do nome de *Olla*, tirado dum dístico de Catulo (9), impresso em exergo na página de rosto do livro, mostra que Crowley se manteve até o fim igual a si mesmo.

A Antologia nada tem de notável, a não ser a preocupação de dar para a composição de cada poema um lugar diferente e claramente distante do anterior. Dos poemas nela impressos, o mais conhecido e talvez o melhor é o último, composto em Moscovo.

Trata-se do *Hino a Pã* que Fernando Pessoa traduziu e que, por desejo expresso de Crowley, foi recitado, aliás não sem escândalo, no decorrer do funeral do mago (10).

Depois do que acabamos de escrever, em parte fora e à margem do livro de Daniel P. Mannix, é a altura de sumariarmos os méritos e deficiências desta biografia de Aleister Crowley: se é certo que nele abundam trivialidades de gosto discutível e comparações em estilo de jornalismo popular, o livrinho tem o mérito de nos dar uma visão rápida de Mestre Therion, mais exacta que as brilhantes generalidades a ele consagradas na biografia de Fernando Pessoa, da autoria de Gaspar Simões.

Quem depois de 1er Daniel Mannix (ou melhor ainda, John Symonds) se atreveria a acreditar num Crowley, protótipo de Álvaro de Campos? (11)

Para terminar, acentue-se ainda que o livrinho é acessível (está à venda) e muito barato (35 céntimos ou uns 10 escudos), quantia que, sendo em Portugal pouco dinheiro, na América é quase nada...

*Nova Iorque, Setembro de 1961*

(9) *Mentula moechatur. Moechatur mentula? Certe  
Hoc est quod dicunt; ipsa olera OLLA legit.*

(10) Esta composição devia ser do especial agrado do seu autor, pois se encontra (precedida dos versos gregos) à frente da edição de um livro que adquiri em Nova Iorque: *Magick in Theory and Practice by Aleister Crowley*. Castle Books, New York, s. d.

(11) “Crowley, aos olhos de Fernando Pessoa, era como que uma encarnação desse Álvaro de Campos que a *douceur de vivre* tinha prostrado no limiar de uma existência que se anunciava titânica e mavórtica”. (J. Gaspar Simões, *Vida e Obra de Fernando Pessoa (História de uma Geração)*, Livraria Bertrand, s. d. [1950], II, p. 267/8.